



*Ponto de Vista*  
*Point of View*

**O fetiche das metodologias ativas num contexto de  
precarização estrutural do trabalho**

*The fetish of active methodologies in a context of structural  
precarisation of work*

Jean Henrique Costa<sup>1</sup>

Tem sido recorrente o discurso, quiçá hegemônico na agenda técnica da pedagogia, acerca do uso de metodologias inovadoras, dinâmicas, flexíveis e criativas empregadas no ofício docente. Dentre tais usos dominantes, as chamadas *metodologias ativas* têm se transformado quase que numa panaceia, uma condição *sine qua non* para superar o sorumbático e tradicional contexto educacional brasileiro.

Tal antídoto contra qualquer expressão de tradicionalismo em sala de aula ilustra o que chamaremos aqui de *Éden pedagógico* ou, diríamos mais, o fetiche que o pedagogo

---

<sup>1</sup> Sociólogo e Doutor em Ciências Sociais. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN). E-mail: [prof.jeanhenriquecosta@gmail.com](mailto:prof.jeanhenriquecosta@gmail.com)

tem para legislar em causa própria. Aliás, a pedagogia, como qualquer outra técnica de controle social, exerce sua autoridade a partir de categorias que ela mesma cria e reproduz. Deste modo, as inovações pedagógicas são sempre uma inovação nas estruturas de poder deste campo acadêmico.

O que não está explícito neste discurso é: ao defender militantemente o uso de metodologias ativas, a quem interessa tamanho “*empreendimento moral*” na educação, impondo regras e criando uma “*cruzada moral*” (BECKER, 2008) no sentido de desqualificar a educação tradicional? O que está por trás desse desejo por inovação num contexto em que até uma básica aula tradicional se realiza sob condições ínfimas de qualidade? E o que dizer das condições e relações de trabalho num cenário em que, quanto mais se exige e se impõem padrões inovadores de trabalho, mais se precariza e se desvaloriza o ofício do professor? Não responderemos estas questões neste breve e singelo exercício textual. Buscamos, para além disso, provocar o leitor e fazer com que se pense a respeito de algumas consequências sucedidas desse modismo didático-pedagógico na educação.

De antemão, podemos dizer, segundo Tavares, que as metodologias ativas têm por objetivo fazer com que o aluno tenha um papel ativo no processo educativo, tornando-se um protagonista e indo além da reprodução de exercícios e do comparecimento às aulas tradicionais. Os estudantes operariam em um ambiente colaborativo e participativo, trabalhando em grupos para resolver problemas concretos e desenvolver conteúdos (TAVARES, 2018). Até aí tudo bem e, para além disso, concordamos com Theodor W. Adorno (1995) que devemos recusar qualquer forma de educação baseada na força e focada na disciplina. Para este filósofo alemão, a ideia de uma tradicional educação severa (pela dureza), na qual muitos acreditam, está totalmente equivocada. Igualmente, devemos recusar também qualquer noção *bancária* de educação, conforme problematizada por Paulo Freire (1987). Para ele, esse tipo de educação bancária deforma a criatividade necessária do aluno e do educador, reduzindo a educação à simples memorização tradicional do conteúdo escolar. No processo de educação bancária, o “educador” fala e os alunos recebem pacientemente o conteúdo, apenas memorizando e repetindo.

No mais, vale salientar que não somos contra qualquer perspectiva inovadora e criativa em sala de aula, desde, é claro, que não se faça disso uma prática padronizadora,

portanto fordista, ou mesmo que não se imponha a flexibilização sistemática das condições de trabalho na educação – logo, toyotista. A autonomia e a liberdade de cátedra devem ser sempre respeitadas. Assim sendo, fordicizar e/ou toyotizar a educação não é um caminho viável para a construção de uma agenda pedagógica emancipadora. As metodologias ativas não deveriam, portanto, sucumbir perante as estruturas maiores de reprodução do *status quo*, perdendo seu caráter progressista em nome do véu de ideologias pró capital.

Não obstante, apesar dos muitos limites impostos ao trabalho pedagógico crítico, essas metodologias ativas assumem sim uma perspectiva pedagógica progressista e buscam romper com certas tendências liberais na educação. De fato, a educação tradicional falha quase sempre ao considerar o aluno como um receptáculo, além de desprezar o caráter sócio-histórico do contexto educacional e a própria trajetória biográfica do discente. Não negamos, aqui, a importância de qualquer movimento que busque romper com o caráter linear, elitista, conservador e mecânico da educação. Que as metodologias ativas sejam mais uma opção pedagógica sem, contudo, incorrer no risco de desencadear uma certa *consequência imprevista da ação* (GIDDENS, 2009) que culpabilize aquele docente que, porventura, opte por não utilizar tais jogos e práticas didáticas. Contudo, há sim uma onda crescente, sobretudo na educação privada, que busca impor, uniformizar e coagir o professor no sentido de adotar metodologias mais dinâmicas em sala de aula. Longe desse dinamismo representar o interesse da escola em formar um sujeito pensante e livre das amarras ideológicas de um mundo fetichizado, impera muito mais o desejo que a aula se torne atrativa sob o ponto de vista comercial. Eis o resumo da ópera: o trabalho do professor se metamorfoseia num interativo jogo comercial, no intuito de motivar e cativar o aluno visando a manutenção econômica da instituição. Assim, todo o aludido caráter progressista se perde no limbo econômico e na racionalidade sistêmica da educação enquanto mercadoria.

Tentando dar pistas de como refletir acerca das três questões levantadas no início desta pequena reflexão, esse discurso interessa muito mais aos donos do poder do que propriamente aos alunos e professores. Não que as metodologias ativas devam ser rechaçadas, mas que correm o risco de serem muito mais utilizadas como um mecanismo de fidelização do aluno (nas escolas privadas) ou mesmo como mascaramento e/ou meio de atuar nas estruturas de falência e de sucateamento da educação pública.

No Brasil, já é um grande desafio conseguir realizar, com o mínimo de qualidade, uma simples aula expositiva. A degradação do trabalho docente e a consequente desvalorização da profissão impõem limites estruturais à prática profissional. Não se trabalha motivado num contexto em que predominam baixos salários, carreiras pouco atrativas, desvalorização funcional, péssimas condições de trabalho, baixa-estima, violência simbólica e até mesmo, não raro, violência física. Assim, o professor que se limita àquela velha e boa aula expositiva, muitas vezes simboliza um exemplo do máximo daquilo que ainda consegue entregar. Daí que, diante da tamanha precarização do trabalho docente, culpabilizar um professor por não transformar sua sala num grande teatro motivacional – ou num glamoroso *show* – ou mesmo por não criar mecanismos simulados de intervenção prática, representa um total desconhecimento da realidade escolar pública brasileira ou, podemos valorar, extremo cinismo. E, considerando as extensas, exaustivas e inseguras jornadas de trabalho de um professor da rede privada, determinar continuamente o uso de metodologias ativas seria o mesmo que exigir de um trabalhador braçal que, ao descarregar um caminhão de tijolos, descanse recolocando todos os tijolos de volta no veículo. É desumano! Mas, num contexto de expansão autoritária e conservadora em que se responsabiliza o professor por todas as mazelas do país – e ainda se ataca a figura de Paulo Freire sem a mínima leitura de sua obra –, tal postura já não causa estranheza. Assim, continuemos o jogo de faz de conta que, no final, impera o ápice da não-educação e, ainda por cima, amplia-se o adoecimento das classes trabalhadoras ocupadas com o ensino.

Além disso tudo, implementar uma certa *cruzada moral* (BECKER, 2008) contra a aula expositiva tradicional termina desconsiderando que em algumas áreas do saber, especialmente a filosofia e as ciências sociais, não há tantas brechas para muita inovação didática. Não há muito como fugir bruscamente do exercício sedentário, silencioso e rigoroso da leitura, da escrita e da discussão. Consequentemente, as aulas são, de fato, expositivas, buscando averiguar o domínio conceitual do aluno e o nível de sua *cultura teórica*.

Por fim, num contexto progressivo de perda de direitos trabalhistas e sociais, e em que predominam condições e relações de trabalho docentes extremamente precárias, não é cabível que se exijam e se imponham padrões inovadores de trabalho sem as mínimas condições materiais e subjetivas. O professor precarizado que se submete passivamente

às regras deste jogo, defendendo a adoção de técnicas de controle, inovação e avaliação para o seu trabalho, termina cedendo parte de sua subjetividade ao todo organizacional (FARIA; MENEGHETTI, 2007) e revelando sua autoalienação (MILLS, 1969) ao publicizar traços de obsequiosidade e amabilidade como elementos de sua profissão. Por conseguinte, parafraseando livremente C. Wright Mills, o professor termina vendendo não apenas seu tempo e sua energia para o trabalho, mas sobretudo sua personalidade ao entreter e promover uma aula *show*.

Assim, continuar impondo metodologias ativas, num contexto estrutural em que ser professor não tem a menor atratividade financeira e simbólica, torna-se um contrassenso. Não representa nenhum progresso de gestão escolar, tampouco avanço pedagógico. É, no mínimo, um ato bárbaro.

## **REFERÊNCIAS**

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FARIA, J. H.; MENEGHETTI, F. K. O Sequestro da subjetividade. In: FARIA, J. H. (org.). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fones, 2009.

MILLS, C. W. **A nova classe média: *White Collar***. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

TAVARES, P. A. Metodologias ativas: entenda como elas favorecem a aprendizagem. **Nova Escola**, 27 Julho, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12170/metodologias-ativas-entenda-como-elafavorecem-a-aprendizagem>. Acesso em: 01. Nov. 2020.